[Recensão a] A. M. Pires Cabral, Le illeggibili pagine dell'acqua, a cura di Giorgio de Marchis

Autor(es): Rodrigues, Ernesto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42506>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_7_12

Accessed : 26-Apr-2023 12:50:22

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 7
2012

reveste um carácter intemporal, quase eterno; as músicas banais são fruto de um tempo histórico vivido pelo próprio autor, tão depressa nascem como morrem, e assinalam períodos específicos da vida de um homem para sempre revolutos: “Mas antes de tudo foi um instante único da história do mundo e da minha história vividos ambos como se fossem eternos e agora claramente vistos através destes acordes fáceis, carregados de toda a tristeza da terra como *inexistentes*. Pior do que isso [,] que a inexistência não pode tocar o que existe: como *existentes* mas *inalcançáveis*.” (p. 138). LÍDIA KUN RODRIGUES

A. M. Pires Cabral, *Le illeggibili pagine dell'acqua*, a cura di Giorgio de Marchis, Napoli, Bibliopolis, 2011.

Sexto volume de uma colecção dirigida por Mariano Bàino, diversa nas frentes lírica e geográfica, inaugurada com *Poesie scelte* de Gilbert Lely, os trinta poemas bilíngues são uma excelente amostra de produção que vem de 1974, quando A. M. Pires Cabral se estreou.

Algures a Nordeste coligiu escritos desde 1962, licenciava-se este em Filologia Germânica, na Facul-

dade de Letras de Coimbra. A crise académica limpou-o das teias de aranha românticas e da eloquência de Junqueiro. Essa tardia edição de província é, hoje, não só rara, como sinaliza as preocupações de quem melhor deu – também na ficção, no teatro, na crónica, na monografia, em guias turísticos e na dicionarização de provincianismos – as cambiantes da vida transmontana. Não por acaso, quando a Academia de Letras de Trás-os-Montes lançou a iniciativa de celebrar o septuagésimo aniversário de António Manuel Pires Cabral (Chacim, Macedo de Cavaleiros, 13 de Agosto de 1931), a doravante fundamental antologia organizada por Isabel Alves e Hercília Agarez intitulou-se *Aqui e agora assumir o Nordeste* (Lisboa, Âncora Editora, 2011). Giorgio de Marchis, professor de literatura portuguesa e brasileira na Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università Roma Tre, já curador do *Fado* regiano e da edição crítico-genética de *Dispersão*, de Mário de Sá-Carneiro, privilegia esse subintitulado *Catálogo de feios, simples e humildes* (edição alemã, bilingue, Bremen, 1983). Mais: não só abre pelo germinal “Hic et Nunc”, como ilumina o leitor com uma introdução

de título-paráfrase, “Versi da Nordest” (pp. 11-16).

Sucinta nota bibliográfica deixa logo perceber o essencial da poesia, romance, conto e teatro até 2011. Releve-se o último romance, *O cónego* (2007), com tradução italiana (*Il canonico*, Roma, La Nuova Frontiera, 2009). Quanto à conjugação entre este rodapé e o conjunto, levantam-se os seguintes problemas: são citados doze títulos, até *Cobra d'água* (2011), e só não há recolha de *Os cavalos da noite* (1982): ora, se este comparece, porque não *Sabei por onde a luz* (1983) e *Desta água beberei* (1999)? Na ordem dos poemas, *As Têmporas da Cinza* (2008) deveriam vir antes de *Arado* (2009); e, neste, a quintilha das pp. 82-83 é, de facto, um dístico seguido de terceto. Mais importante: se *Artes marginais* (antologia poética, 1998) é referida em nota subsequente, não devera ser esquecido *Antes que o rio seque. Poesia reunida*, última demão autoral, para textos até 2006.

Esta segunda antologia revê a matéria desde a estreia: dos 46 poemas de 1974, suprimiu “O Homem”, mas, com interesse para a fixação textual, substituiu minúsculas iniciais pelas conformes mai-

úsculas, e regularizou a pontuação. Omitiu a dedicatória de “Os ceifeiros”, ‘A um jovem poeta’. Corrigiu “Quem lhe injuriou a música urgente?” para “Quem lhe injuriou o canto urgente?” (“A Cigarra”), aqui adoptado.

Giorgio de Marchis caracteriza muito bem “la tenace vocazione periferica” (p. 12) de A. M. Pires Cabral e a sua ligação a uma “terra postuma per eccellenza” (p. 14), mais deprimida nos anos 60, quando sangrou almas para a emigração: “Poesie su vecchi, zingari, contadini, insetti, e alberi, come se l'autore volesse cartografare in nei minimi dettagli il suo territorio, per riscattare dall'oblio la sua gente [...], abbandonata da secoli a se stessa e al suo intimo isolamento [...]” (p. 13). Nas últimas recolhas, o poeta olha aos instrumentos agrícolas, relê a paisagem, segue as aves, reflecte cada vez mais sobre a morte, em busca de luz...

Perseguindo esta, que é uma evidência no aqui convocado Alberto Caeiro, fecha o prólogo com outra diferença, mas também semelhanças: “Lontana dalla fittizia serenità di Caeiro, la poesia di Pires Cabral assume, dunque, i contorni di un drama umanissimo e dolente in cui il dolore più vivo convive

con la nitida coscienza di quanto sia ridicolo anche il proprio soffrire.” (p. 16) De um pudor avesso a coloridos, arrebiques e folclores, teimando “com mansidão”, tira o artista “memória augusta e salutar” do “campo ferido” nordestino (p. 18), como se propôs no limiar de já longo itinerário. A escrita sobre a natureza, que alguns designam por ecocrítica, encontra terreno fértil neste universo, entretanto debruçado sobre o Rio Douro.

A tradução ritma versos coloquiais, quase à letra, mimando encavalgamentos, com raras adaptações sintáticas e vocabulares, sempre felizes. A dificuldade está na estrofação breve: “Nada vereis aqui / quase: animais / de malícia pouca / contentes do seu corpo. // Quasi nulla vedrete / qui: qualche animale / di malizia poca / contento del suo corpo.” (pp. 42-43) Ou aquela redondilha maior de “São Miguel da Pena”, aldeia vazia que o autor civil apresentou, em manhã de Janeiro, ao tradutor: “Viveu gente em São Miguel, / que depois aqui morreu / e se fez sepultar nesta / encruzilhada de ventos. // Visse gente a São Miguel / che poi qui morì / e si fece seppellire / in questo incrocio di venti.” (pp. 52-53) Nada se perde, mas algo se transforma.

Em Europa e Itália de regiões, Giorgio de Marchis revela aos seus um poeta da Terra, menos líquido que sólido, de emoção sustida, que reconhecemos universal. ERNESTO RODRIGUES

Paola D’Agostino, *Este frio e outras histórias de amor*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fenda, 2011, pp. 91.

Com *Este frio e outras histórias de amor*, Paola D’Agostino chega pela segunda vez às bancas das livrarias portuguesas pela mão da editora Fenda e com tradução de Miguel Serras Pereira. O seu nome é bem conhecido do público português que se interessa por ficção narrativa, desde que em 2006 safu a edição portuguesa de *Largo das Necessidades*. O original italiano fora publicado nesse mesmo ano em Nápoles.

Italiana nascida em Sapri, uma pequeníssima localidade do Sul da Itália, Paola D’Agostino chegou a Portugal em 2000 para ensinar italiano. Desde então, tem-se vindo a dedicar também ao ensaísmo, à tradução e à ficção narrativa.

O livro divide-se em seis partes, a mais longa das quais é a segunda, “Este frio”, que se subdivide